

PARA O OESTE

RUBEM BRAGA

O sr. Borghi não está oferecendo o paraíso aos trabalhadores que vão para Boa Esperança. Os salários médios estão entre 15 e 25 cruzeiros, e assim mesmo são bem superiores aos que, no começo do ano passado, eram pagos no planalto. Naturalmente o trabalho especializado é mais bem pago: um tractorista chega a perceber 100 cruzeiros por dia.

Os trabalhadores têm uma percentagem na renda bruta da lavoura, percentagem variável segundo a maior ou menor mecanização. Para a lavoura do arroz é de 5 por cento, para o milho e feijão de 7 e meio, para o fumo 10 e para a horticultura 12 e meio.

Praticamente todas as mercadorias existentes no armazem da fazenda são levadas do Rio em avião. A empresa calcula o custo, o frete e acrescenta 10 por cento no caso dos remédios; 20 por cento no caso de secos e molhados, e 25 por cento para armarinhos e outros artigos. O regime do "vale" existe — e é praticamente inevitável — mas o trabalhador pode sempre, querendo, receber em dinheiro. Quanto à proibição da cachaca, o sr. Borghi confirmou o que disse uma revista carioca. Apenas o homem embriagado não sofre multa de dois dias de salário: é sumariamente despedido. Quem quiser beber que vá ao sábado da Fazenda e vá arranjar cachaca em Formosa ou onde encontrar: ali não se vende.

Os salários são "livres de comida", mas o trabalhador que sem motivo deixa de comparecer ao serviço paga 3 cruzeiros por uma refeição. Os homens que trabalham na roça recebem a comida em marmidas térmicas.

Tenta-se fazer uma chéche de modo que as mulheres possam deixar seus meninos e ir trabalhar na lavoura. As mulheres mais velhas ou que não quiserem trabalhar no campo terão outras ocupações, inclusive a costura, já estando em funcionamento muitas máquinas a mão e elétricas.

A direção pretende inculcar hábitos de higiene nos trabalhadores não apenas pela propaganda sanitária como também vedando aos recalcitrantes certas vantagens, como a frequência ao bar e mais tarde ao clube que vai ser construído.

A assistência dentária, médica e hospitalar está ainda em começo. Um sanitarista que visitou a Fazenda, o dr. Amauri Medeiros Filho, disse-me que as condições de salubridade são excepcionais, e poderão ser mantidas com um controle severo dos trabalhadores que chegam.

(cont.)

Já funciona uma escola e começa a ser construído um Jardim de Infância. O sr. Borghi me disse que estas e outras muitas despesas que fará para melhorar o nível de vida dos trabalhadores éle as considera um bom empate de capital. Acredita que não há trabalhador melhor que o nosso caboclo; pela sua experiência, só o japonês se equipara a éle em resistência. Estão sendo construídos blocos de casas para solteiros e casados, com instalações realmente boas, água encanada e luz elétrica. Fiquei em uma dessas casas. O deserto de 8 meses atrás já tem o aspecto de uma cidadezinha limpa, cujo desenvolvimento obedece a um plano de urbanismo. Está, assim, um capitalista particular fazendo o que, com mais razão e maiores benefícios gerais, incumbiria ao Estado fazer.

Os agentes do sr. Borghi, que aliciam trabalhadores, têm esbarrado, em alguns municípios, com uma lei que proíbe isso. Parece-me essa lei inconstitucional e inoperante. O trabalhador brasileiro não é nenhum palerma que vai atrás de conversa. Já conversei com centenas de trabalhadores rurais que emigram, e éles sabem o que fazem, e aceitam o risco. Não é escravizando o trabalhador ao baixo salário de certas zonas que se destruirá o desnível econômico de nosso interior. Em tempo de paz uma tal lei me parece insensata e desumana.

Por falar em lei, o sr. Borghi se queixa, e com tôda razão, que até agora não foi regulamentada a de número 404, que isenta de direitos alfandegários a importação de tratores e máquinas agrícolas, e prevê o seu financiamento. O Ministério da Agricultura já fez o que lhe cabia, mas o da Fazenda está demorando. Assim as facilidades para a mecanização da agricultura são, por enquanto, uma esperança.

Os terrenos do sr. Borghi medem cerca de 50 mil alqueires geométricos — uma área monstruosa, que éle pretende lotear em parte. Uma cooperativa italiana também começa uma grande exploração em Goiás. O progresso de Anápolis impressiona qualquer visitante. As ajudas federais para comunicações (o governador já fez 20 viagens ao Rio) e outras darão, dentro de alguns anos, um impulso ainda maior ao Estado.

Agora não são cartazes nem discursos que fazem a marcha para o Oeste. É a ambição ardendo nos olhos dos homens. Se eu fôsse mais moço e tivesse menos responsabilidades iria para lá. Mas não posso: ainda não cultivei convenientemente minhas terras (2,25m por 0,35m) arrendadas na rua Júlio de Castilhos...

* * *

P.S. — Depois de invadir, impunemente, a Casa do Jornalista, a Polícia do Rio deu ontem mais uma prova de sua brutalidade sanguinária. Desta vez foi assassinada uma senhora. E viva a República de Brocoló!

18. 11. 49

272